



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA – CIMBA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS / PORTUGUÊS**

**ANDRESSA DUARTE CARVALHO**

**LITERATURA COMPARADA: ENTRE O MACHISMO E O CIÚME EM**  
**“DOM CASMURRO” E “SÃO BERNARDO”**

ARAGUAÍNA/TO

2019

**ANDRESSA DUARTE CARVALHO**

**LITERATURA COMPARADA: ENTRE O MACHISMO E O CIÚME EM  
“DOM CASMURRO” E “SÃO BERNARDO”**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da  
UFT – Universidade Federal do Tocantins-  
Campus Universitário de Araguaína como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciatura em Letras- Português, sob  
orientação do Prof. Dr. Márcio Araújo de  
Melo.

ARAGUAÍNA-TO

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- C3311 Carvalho, Andressa Duarte .  
Literatura Comparada: entre o machismo e o ciúme em " Dom Casmurro" e  
" São Bernardo " . / Andressa Duarte Carvalho. – Araguaína, TO, 2019.  
42 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2019.  
Orientador: Márcio Araújo de Melo
1. 2. Parte I - A importância do Romance para construir o social. 2. 2.1 O  
papel da mulher na sociedade brasileira. 3. 2.2.1 Como Bentinho e Paulo  
Honório são representantes do modelo patriarcal. 4. 3. Parte II - Uma análise  
comparativa: os ciúmes de Bentinho e Paulo Honório . I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.  
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184  
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

ANDRESSA DUARTE CARVALHO

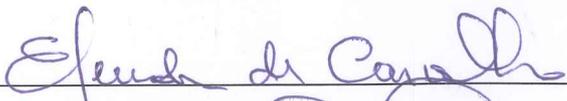
**LITERATURA COMPARADA: ENTRE O MACHISMO E O CIÚME EM  
“DOM CASMURRO” E “SÃO BERNARDO”**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da UFT – Universidade Federal do Tocantins- Campus Universitário de Araguaína como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras- Português e, aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca examinadora.

Data de Aprovação 08 / 07 / 2019

Banca examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo- Orientador- UFT

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dr. Maria Eleuda de Carvalho- Examinadora- UFT

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dr. Luiza Helena Oliveira da Silva – Examinadora- UFT

Dedico este trabalho a primeira mulher que  
amei e a que eu irei amar incondicionalmente  
para o resto da minha existência, minha mãe.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por nunca esquecer de mim e por aquietar o meu coração nos momentos difíceis, quando eu pensei em desistir. Esperei, confiei e graças a Ele o sonho de me formar está cada vez mais perto de ser realizado.

Agradeço aos meus pais, Rosa Duarte de Alencar e Amarildo Dias Carvalho, por acreditar na minha capacidade e por me mostrar que os estudos é o melhor caminho para o sucesso. Agradeço à minha tia Maria Filha, mulher em que sempre me inspirei e tive o maior apoio para cursar Letras.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo por ter consentido me orientar e por toda paciência, dedicação e serenidade na orientação deste trabalho. E a todos os professores do curso de Letras, que foram tão importantes na minha trajetória acadêmica. Especialmente a Profa. Dr. Maria Eleuda de Carvalho pelas memoráveis aulas de Literatura Brasileira e pela dedicação como coordenadora do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), pelas reuniões aos sábados, observações, críticas, palavras de motivação e acolhimento.

A todos os meus amigos, em especial, Thais Helena que esteve comigo desde o início da faculdade, sendo minha dupla, companheira de classe e de vida. À Raquel, que alegrava nossas manhãs com seu carisma, ao Jherllison pelo seu jeito responsável e sua disponibilidade em ajudar, ao admirável Felipe pela amizade, Débora, Michele e Márcia por tornarem a minha graduação algo tão gratificante.

Ao meu namorado/noivo Wilson, por estar sempre do meu lado e aguentar meus chororôs e, principalmente meus estresses. Eu te agradeço, meu bem, porque é você que me acalma e me traz paz! Nossos sonhos irão se realizar e juntos iremos alcançar nossos objetivos. Amo você!

*“A primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la.”*

*(Eduardo Galeano)*

## RESUMO

O presente trabalho busca comparar a partir das relações narrador/marido e personagem/esposa e filhos nas obras “Dom Casmurro”, de Machado de Assis e “São Bernardo”, de Graciliano Ramos. A pesquisa foi desenvolvida a partir das leituras dos romances por ASSIS, Machado de. (2015); RAMOS, Graciliano (2018); a respeito do campo de literatura comparada, utilizamos como fundamentação teórica, NITRINI, Sandra (1997) e COUTINHO, Eduardo (2003). Inicialmente foi realizado um estudo com base no livro “A cultura do romance”, de MORETTI, Franco (2009), em seguida, destacamos nos dois romances, todas as categorias para análise, assim, o foco desta análise é a temática do ciúme, que está centrado nas personagens principais das obras, qual sejam Bentinho e Paulo Honório. Os resultados demonstram que nos séculos XIX e meados do século XX, já havia grandes autores brasileiros, descrevendo em suas obras, questões familiares, sobre poder e sobre o machismo.

**Palavras-chave:** romance, análise, sociedade, ciúme, machismo.

## ABSTRACT

The presente work seeks to compare from the relations narrator/husband and character/wife and children in the works “Dom Casmurro”, Machado de Assis and “São Bernardo” by Graciliano Ramos. The research was developed from the readings of the novels by ASSIS, Machado de. (1899); RAMOS, Graciliano (1934); in relation to the field of comparative literature, we use as theoretical basis, NITRINI Sandra (1997) and COUTINHO Eduardo (2003). Initially, a study was carried out based on the book “The culture of the novel”, by MORETTI, Franco (2009), then we highlight in the two novels, all categories for analysis, so the focus of this point of analysis in the thematic of jealousy, which is centered on the main characters of the works, such as Bentinho and Paulo Honório. The results show that in the 19th and 20th centuries, there were already great Brazilian authors, describing in their works, familiar questions, about power and about machismo.

**Key-words:** romance, analysis, society, jealousy, machismo.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. Parte I- A importância do Romance para construir o social.....	13
2.1 O papel da mulher na sociedade brasileira .....	16
2.2 Algumas notas do modelo patriarcal .....	22
2.2.1 Como Bentinho e Paulo Honório são representantes do modelo patriarcal .....	24
3. Parte II - Uma análise comparativa: os ciúmes de Bentinho e Paulo Honório.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	38
REFERÊNCIAS .....	40

## 1. INTRODUÇÃO

Construir uma comparação entre dois romances importantes para a literatura brasileira, “Dom Casmurro” de Machado de Assis e “São Bernardo” de Graciliano Ramos, traz questões importantes para serem discutidas. Das tantas possíveis, pode-se eleger as questões familiares, as de classe, as sociais. Pode-se também pensar nas questões sobre poder, sobre o machismo, bem como os processos que a sociedade brasileira do final do século 19 e meados do século 20 estava permeada.

A presente pesquisa discute como dois maridos ciumentos narram suas histórias. Como se sabe Bentinho, em “Dom Casmurro”, acusa sua esposa, Capitu, de adultério. Ao longo do romance, Capitu é desprovida de uma possibilidade produzir enunciados, ela apenas se manifesta pela voz do narrador. Paulo Honório, em “São Bernardo”, tenta mostrar que errou com sua mulher, mas se ele tivesse a chance de refazer tudo o que fez, ele faria igual, porque a vida agreste e a ambição que possui levaram-no a endurecer por dentro. Ao longo desse romance, é possível dizer que Madalena é vista como propriedade do marido. Como na obra de Machado de Assis, Paulo Honório acredita no adultério da esposa. Em ambos romances, os filhos não são reconhecidos pelos pais, porque acreditam que as crianças são rebentos de adultério.

O intuito desta pesquisa é comparar as relações narrador/marido e personagem/esposa e filhos nas obras “Dom Casmurro”, de Machado de Assis e “São Bernardo”, de Graciliano Ramos. A comparação desses dois romances tem por objetivos específicos perceber as relações conjugais a partir dos índices de ciúmes que os narradores/maridos deixam em suas narrativas. Bem como, procura-se entender como são construídas, dentro das narrativas, as mortes das mulheres. E por fim, perceber como é constituída nas obras a relação entre pai e filho.

Esta pesquisa surgiu a partir das discussões nas aulas de Literatura Brasileira com o professor Márcio Araújo de Melo, que foram sendo ampliadas pelas leituras desses dois romances.

Machado de Assis e Graciliano Ramos trazem como pano de fundo um mote tantas vezes explorado pela literatura: o ciúme. Ainda que as narrativas desses autores não se reduzem a essa questão, esta pesquisa centra seus esforços em perceber tais representações nos romances por meio de uma pesquisa bibliográfica, tendo como abordagem uma premissa

qualitativa para análise dos romances. A análise concentra-se nas falas dos narradores ao construir modos como duvidar, suspeitar e mesmo acusar suas esposas de adultério.

A pesquisa foi realizada a partir de uma perspectiva teórica que privilegie a literatura comparada. Serão comparados e analisados os elementos constituintes da narrativa de cada uma das obras, “Dom Casmurro” e “São Bernardo.” Assim sendo, serão analisados o foco narrativo em primeira pessoa, como o narrador que conduz a história, tendo privilégio na escolha do que se diz, bem como da autoridade da voz masculina; os modos como as personagens são descritas, visto que são produtos desse olhar masculino; o espaço; o tempo; e, no que diz respeito das ações, o ciúme possessivo dos narradores/maridos.

A respeito da literatura comparada, é importante entender alguns conceitos sobre esse campo teórico. Assim, utilizamos como embasamento teórico Nitrini (1997) e Coutinho (2003). Quanto a ideia do romance como algo importante para construir o social foi empregado o escritor Moretti (2009).

Dessa forma, a presente monografia encontra-se estruturada em duas partes. A primeira intitulada “A importância do romance para construir o social”, que apresenta uma discussão acerca do romance como sendo de importância fundamental na construção social da humanidade. Ainda neste capítulo, destaca-se o papel da mulher na sociedade brasileira e como as personagens Paulo Honório e Bentinho são representantes do modelo patriarcal.

Na segunda e última parte “Uma análise comparativa: os ciúmes de Bentinho e Paulo Honório” foi contemplada a análise comparativa. Nesta, apresenta, de início, uma reflexão a respeito do conceito de literatura comparada. Para esta análise delimitou-se como tema o ciúme manifestado pelos narradores/personagens em relação as suas esposas.

## 2. Parte I - A importância do Romance para construir o social

Sabemos que o gênero romance significa uma série de coisas, mas o romance no qual nos referimos, é um gênero literário moderno, normalmente escrito em prosa. Do ponto de vista histórico sobretudo no mundo ocidental, é a forma mais popular e hegemônica de narrativa, e que ganhou força com o advento da modernidade.

No século XVII, segundo Hauser (1982) a aristocracia não constituía um público voltado à leitura, eles mantinham as produções escritas, mais por prestígio de sua classe do que por saber apreciar o real valor de tais obras. Posteriormente, no século XVIII, a Inglaterra substituíu a França na função de detentora da cultura, tanto nas atividades políticas, como nas artes e ciências.

É importante ressaltar que as sociedades europeias até meados do século XVIII, possuíam um estilo de leitura muito peculiar. O número de livros que o leitor tinha acesso era reduzido e de algum modo, esses escritos antes do romance moderno era na sua maioria lidos em voz alta em eventos familiares ou religiosos, portanto, a leitura relacionava-se a uma prática coletiva e social<sup>1</sup>.

De acordo com Menezes (2010) a criação do gênero romanesco marca o início de uma grande ruptura com as tendências clássicas e a grande marca de diferença é a fidelidade, a experiência individual humana narrada de modo espontâneo.

No romance o enredo envolvia pessoas que, embora fictícias, eram específicas e, mais próximas da realidade humana desse novo leitor. Também, ao longo de seu enredo, passava-se uma problemática, empregando uma reflexão e argumentos lúcidos que levaria o leitor a se questionar, num compasso, conforme nos explica Moretti (2009) na apresentação de *A cultura do romance*.

O leitor passa, de certo modo, a reconhecer-se naquilo que lia, o seu cotidiano, seus valores morais, os detalhes de seus hábitos, aspectos íntimos e demais comportamentos eram expostos nesse gênero novo, o romance. Os romances se baseiam nos questionamentos sociais do mundo em que vivemos. Sendo assim, eles estimulam a criticidade do leitor e, dificilmente, ele se contentará em permanecer na sua zona de conforto. Se pensarmos, por exemplo, em um romance que traz as mazelas sociais, pode-se dizer que ele retira ou, pelo

---

<sup>1</sup> ABREU, Márcia. **Diferentes formas de ler**. Instituto de Estudos da linguagem- Unicamp. Campo grande, 2001.

menos, pretende retirar o leitor desse lugar de conforto, apresentando um mundo repleto de desigualdades. E, conjuntamente ao tratamento do conteúdo narrativo, o romance é construído por uma estrutura estética que produz um texto literário rico. Para exemplo, pega-se o primeiro capítulo de *Dom Casmurro*. Em que o leitor recebe toda a síntese do narrador-personagem, um senhor que é alcunhado de “Dom Casmurro”. Ele é o narrador que irá conduzir a história e, ao longo dela, “conduzirá” o leitor. Nota-se nesse capítulo breve o tom irônico do narrador ao dizer que o livro é do rapaz, porque ele lhe atribui essa alcunha; o caráter solitário e arrogante de um narrador de poucos amigos; a estética machadiana de conversar com o leitor, quando solicita ao leitor não consultar dicionários. Enfim, as memórias que Dom Casmurro irá narrar já estão sintetizadas esteticamente e historicamente desde o primeiro capítulo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da Lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

— Continue, disse eu acordando.

— Já acabei, murmurou ele.

— São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado. No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me Dom Casmurro. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Conteí a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você”.— “Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo”.— “Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispense do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça”.

Não consulte dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo rancor. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto. (ASSIS, 2015, p. 10)

Sendo possível pensar que a literatura é formadora do humano e, como isso, de homens melhores do ponto de vista ético e humanitário, através dos romances o leitor é capaz de buscar fazer algo para tornar a sua sociedade melhor. Isso pode ser visto na fala do romancista peruano Mario Llosa (2009, p.27) ao destacar que “para formar cidadãos críticos e independentes, difíceis de manipular, em permanente mobilização espiritual e com uma imaginação inquieta, nada melhor que bons romances”. Ainda que a noção de “bons

romances” seja efetivamente questionável, visto que tal acepção é, sem sombra dúvida, temporal, social, espacial e subjetiva, é possível aproveitar da fala de Llosa o fato de o romance – seja ele qual for às qualidades que lhe são atribuídas – formar “cidadão críticos e independentes, difíceis de manipular”.

Segundo Aguiar e Silva (1976), o romance até o século XVIII era bastante desprestigiado, aceito apenas por pouco leitores, ditos não exigentes no que se refere à cultura literária. Além de ser considerado um gênero inferior, era visto como um perigoso elemento de perturbação passional e de corrupção dos bons costumes. Bakthin (1988) afirma que o romance é o único gênero literário nascido e alimentado pela era moderna. Assim, é um gênero que se adapta de forma eficaz a realidade, por isso ainda é inacabado:

O romance tornou-se o principal personagem do drama da evolução literária na era moderna precisamente porque, melhor que todos, é ele que expressa as tendências evolutivas do novo mundo, ele é, por isso, o único gênero nascido naquele mundo e em tudo semelhante a ele. O romance antecipou muito, e ainda antecipa a futura evolução da literatura. Deste modo, tornando-se o senhor, ele contribuiu para a renovação de todos os outros gêneros, ele os contaminou e os contamina por meio da sua evolução e pelo seu próprio inacabamento. (BAKTHIN, 1988, p.400)

Pensar o gênero romance é se deparar com uma longa história de classificação conceitual e uso de temáticas, desde narrativas de final feliz e amores (im)possíveis, próximas aos contos de fadas, passando por modos de narrar fragmentado, em que o conduzir a narrativa se aproxima do pensar desconectado do fluxo de consciência, para ficar em poucos exemplos. O romance rompe as fantasias e a imaginação, apresentando temas relacionados ao comportamento e o modo de agir das pessoas dentro da sociedade e no tempo que está inserida, ainda que esse romance esteja trabalhando com uma temática distópica como em *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury e *1984*, de George Orwell.

Retomando a ideia do romance como formador do humano, é preciso mencionar que ele deve permanecer como fonte que estimula a criticidade e que ensina a falar com força expressiva e rigor, tornando seus leitores mais livres e as vidas mais ricas e intensas. Isso pode ser melhor visto nas palavras de Llosa (2009), quando vê a leitura do romance como necessária, e, sobretudo, vê a necessidade de formar leitores. Para ele não basta ler romance como formação do sujeito enquanto indivíduo, mas ele deve propiciar um incentivo a leitura na “família, na escola, nos meios de comunicação, enfim, em todos os setores da vida comum”.

Há que ler os bons livros e incitar a ler, e ensinar a fazer isso a quantos venham depois de nós – nas famílias e nas aulas, nos meios de comunicação de massa e em todos os setores da vida comum – como uma ocupação imprescindível, pois que é a que imprime a sua marca em todos os demais, e os enriquece. (LLOSA, 2009, p.32)

Os livros colocam os leitores atentos em outros lugares, momentos que outras “pessoas” estiveram, como isso pode se dizer que a leitura proporciona uma possibilidade de experiência do viver do outro, ainda que esse outro seja uma personagem narrada. Ao mesmo tempo, os romances trazem seus leitores para o agora, porque a literatura também lida com o cotidiano em tempo real. Ao ler um romance, mergulha-se no período no qual o autor escreveu a história, assim, é possível absorver como era a sociedade e tudo que ela contemplava em sua época.

## **2.1 O papel da mulher na sociedade brasileira**

Outro aspecto de extrema relevância, para esse trabalho, é como a mulher vai sendo descrita na literatura e, especificamente, nos romances aqui analisados. É preciso expor que a mulher foi julgada como “sexo frágil”, sendo colocada em uma situação de total dependência da figura masculina. Nesse meio, ao abordar a condição da mulher na sociedade brasileira através dos tempos, verifica-se a necessidade de ser observados aspectos históricos constituintes da nação brasileira.

Os povos indígenas que habitavam no Brasil Colônia (1500 a 1822), segundo Teles (1999), possuíam hábitos muito diferenciados entre si. Isso se refletia nos papéis desempenhados pelas mulheres. Havia aquelas que podiam ser escravas dos seus maridos, outras, companheiras. Existia a monogamia e a poligamia. Em alguns grupos étnico-linguísticos, as mulheres possuíam moradias e áreas de cultivo, mas em outras, as propriedades eram somente dos homens e para os homens.

De acordo com Safiotti (1987), a mulher indígena não interrompia suas atividades quando tinham filhos. Essas mulheres em seguida ao parto, banhavam-se nas águas de um rio e retomavam imediatamente sua labuta, o que significa que não existia, já na época e mesmo em contextos indígenas, uma observância para a saúde e segurança integral da mulher, o que denotava uma excessiva observação a contextos coletivos e machistas em detrimento do feminino coexistindo naquele espaço e tempo.

“Portugal, ao colonizar o Brasil, tinha por objetivo tirar da terra o máximo de lucro possível, com a exploração de produtos tropicais como a cana-de-açúcar, ou mais tarde, com a mineração.” (TELES, 1999, p.17). Assim, a população era explorada em benefício do capitalismo europeu. Nesse período, à mulher cabia o papel de esposa e mãe dos filhos legítimos do senhor da classe dominante, casava-se muito jovem. Para os grupos mais abastados, o marido, que era escolhido pelo pai, geralmente, era bem mais velho e detentor de

posses, numa ocorrência de casamentos arranjados que culminavam em uma situação de proprietário e uma nova posse, a esposa. Ela, nesse ambiente, deveria apenas servir ao seu “marido/proprietário” e aos filhos e filhas nos afazeres domésticos. Nas situações mais campestres, apenas elas se limitavam às tarefas do campo, sob os comandos do varão da família.

O trabalho doméstico é desempenhado em grande maioria pelas mulheres. Mesmo quando a mulher trabalha fora, ela traz para dentro de sua casa uma outra mulher para exercer a função de faxineira, cozinheira e isso serve também para as filhas, conforme afirma Safiotti (1987, p9) “a responsabilidade última pela casa e pelos filhos é imputada ao elemento feminino.” O que reverbera nesse campo uma vertiginosa determinação de gênero nos lares do Brasil.

Além disso, a supremacia masculina, também está presente na discriminação racial. A mulher negra em sua condição de escrava do período colonial “executavam as mesmas tarefas dos homens” e “era usada como instrumento de prazer sexual do seu senhor, podendo até ser alugada a outros senhores.” (TELES,1999, p.21). A ideologia da superioridade dos brancos reforça o imaginário de que com o corpo das mulheres negras tudo pode. Nesse âmbito evidencia-se que pode ser somada a essa questão da mulher o espectro racial como agravante no país, afinal, nada mais injusto do que tentar disfarçar o preconceito racial e naturalizar a violência contra as mulheres.

O poder que a sociedade confere ao homem, faz com que ele se coloque no direito de manter relações sexuais com sua companheira mesmo, quando ela não apresenta disposição para tal. Nisso é possível perceber com facilidade que a mulher ocupa a posição de objeto e, nesse caso, de desejo, na sociedade brasileira ao longo dos tempos. Assim, dentre muitas outras, uma das formas de violência mais severas contra a mulher é a violência sexual, pois nesse ponto pode assumir premissas de opressão vinculadas a gênero, a raça e ou etnia e, ainda, as de cunho de objetificação sexual.

De acordo com a lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 em seu artigo 7º, conhecida como Lei Maria da Penha, a violência sexual é definida como:

Art.7º São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:  
(...)

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos. (BRASIL, 2006)

O homem muitas vezes na figura de esposo, de namorado, companheiro, possui o poder de exercer algum tipo de dominação. Dos tantos exemplos possíveis, pode-se elencar alguns mais comuns como os de obrigar a mulher a prestar serviços sexuais; coagir a uma gravidez não desejada; cárcere privado; violência psicológica.

É importante destacar que qualquer mulher pode ser vítima de violência, não importando sua classe social, sua condição econômica, sua raça ou região geográfica. Das formas de violência contra a mulher, a Lei Maria da Penha apresenta em seu artigo 7º (incisos I, II, III, IV, V) cinco formas, sendo elas: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

Alguns motivos das agressões costumam-se dividir em três: mulheres querem se separar e o companheiro não quer; suspeita de adultério e, por último, o fato de homem não aceitar ser contrariado. De acordo com Safiotti (1999) uma ação violenta está direcionada ao ataque da subjetividade do outro e surge em um momento em que o sujeito sente que está perdendo seu poder ou depara-se com sua impotência.

Dessas possibilidades, percebe-se que muitos homicídios acontecem quando a mulher tenta se separar, sendo esse um dos prováveis momentos em que o agressor “entende” o que perdeu. São atitudes que culminam quando o parceiro não consegue mais dominar e controlar sua parceira.

A violência contra a mulher foi definida pela Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher (Convenção Belém do Pará, 1994), como “qualquer ato de violência baseada na diferença de gênero, que resulte em sofrimento e danos físicos, sexuais e psicológicos da mulher; inclusive ameaças de tais atos, coerção e privação da liberdade, seja na vida pública ou privada.” (SOARES, 2005, p.14)

Segundo Soares (2005) na maioria dos casos, as vítimas possuem autoestima baixa, podendo, inclusive, apresentar vários problemas de saúde. As mulheres são chantageadas ou ameaçadas e, frequentemente, cedem às pressões, sentindo-se incapazes de reagir. No Brasil, há certa tolerância em relação às agressões, permitindo que essa violência seja rotineira. Dessa forma, a mulher quando vítima de agressão, que em vez de machucar o corpo, traz danos a seu psíquico e emocional, tais violências são caracterizadas como psicológicas.

Esse tipo de violência é crime como mostra no Art.7º da Lei Maria da Penha “(...) II- qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações” (BRASIL, 2006). O agressor, na grande maioria das vezes, possui um comportamento possessivo, ciumento e dominador. É fácil visualizar isso nas relações homem-mulher,

quando o namorado proíbe, por exemplo, sua parceira de sair com as amigas, de ter redes sociais, de usar alguns tipos de roupas e até mesmo socializar com outras mulheres e homens. O caso extremo é a proibição da mulher trabalhar fora, estudar ou sair sozinha, o que significa um grave ferir da liberdade humana garantida na Declaração Universal dos direitos Humanos de 1948, e, como cláusula pétrea da Constituição Federativa do Brasil de 1988:

Artigo 2. 1. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. (BRASIL, 1988)

A expressão “lugar de mulher é em casa” é eloquente em termos de imposição da ideologia dominante. E ficando em casa quase todo tempo, a mulher tem menor número de possibilidade de ser estimulada a desenvolver suas potencialidades. Quando dizem que a mulher é menos inteligente que o homem, os portadores desse pensamento se esquecem de se posicionarem como sujeitos de inclusão e de medir, criticamente, as oportunidades que foram oferecidas.

A ideologia de inferioridade da mulher é tão grande que, muitas delas acabam por acreditar que os homens são dotados pela natureza de atributos físicos e mentais superiores, denotando uma superioridade biológica entre os gêneros. Muitas mulheres também admitem sua fraqueza e assumem ser inferiores aos homens pelo fato de estarem imbuídas desta ideia.

Acerca dessa questão Safiotti (1987, p. 12) comenta que:

Presume-se que, originalmente, o homem tenha dominado a mulher pela força física. Via de regra, esta é maior nos elementos masculinos do que nos femininos. Mas, como se sabe, há exceções a esta regra. Variando a força em função da altura, do peso, da estrutura óssea da pessoa, há mulheres detentoras de maior força física que certos homens.

De modo geral, há uma crença construída que os homens são naturalmente superiores às mulheres, assim como, na vida econômica, cultural, política e intelectual. Ao se sobressaírem pelo motivo dessa construção de superioridade, acaba por dar uma continuidade na propagação desse “mito” de que as mulheres são naturalmente inferiores. Dentre as dificuldades estão o fato de serem mães, como se a natureza houvesse condenado o sexo feminino a uma posição inferior. Assim, Reed (2008) enfatiza:

Uma das fábulas favoritas de nossa sociedade é a de que as mulheres são por natureza um sexo inferior e que são inferiores devido as suas funções reprodutoras. A história se explica assim: a mulher está obrigada a ficar em casa porque tem que cuidar de seus filhos e, portanto, seu lugar é o lar. (REED, 2008, p. 34)

No entanto, “a descoberta do papel dominante assumido pela mulher na sociedade matriarcal<sup>2</sup> primitiva destrói este mito capitalista.” (REED, 2008, p.34). Não foi a natureza, e sim a sociedade quem tirou da mulher seu direito de participar nas esferas mais altas da sociedade, exaltando somente suas funções de maternidade.

Na sociedade primitiva, os homens não foram sempre o sexo superior, porque quem organizava e dirigia a vida social não eram eles, mas as mulheres. De acordo com Reed (2008), alguns estudiosos descreveram uma gama de atividades produtivas e desenvolvidas pelas mulheres primitivas:

Durante um período em que os homens se ocupavam exclusivamente da caça e da guerra, as mulheres desenvolveram a maior parte dos instrumentos, dos conhecimentos e técnicas que estavam na base do progresso social. Da colheita espontânea de frutos, passaram à horticultura rudimentar e depois à agricultura. (REED, 2008, p. 38)

As mulheres das sociedades pré-civilizadas não dependiam de maridos, pais ou protetores para conseguirem sua subsistência, eram sexualmente livres e não objetos que se pudesse possuir, oprimir e ou explorar. Se era verdade que o sexo feminino tinha, segundo os antropólogos, uma participação fundamental na sociedade primitiva, por que a condição relegada à mulher da sociedade atual é de inferioridade? Uma vez que as mulheres atuais, pudessem compreender o que suas antecessoras puderam realizar em dado momento, dificilmente se contentariam em permanecer no seu atual estado de inferioridade e dependência, seja financeira ou emocionalmente.

Além disso, as mulheres têm feito cobranças a si mesmas para atingir um padrão de beleza, buscando cada vez mais se sentirem bonitas, atraentes, *sexys*, bem vestidas e aceitas pela sociedade. E isso tem lhes prejudicado em todos os sentidos, tanto psicológicos como em seu corpo. A preocupação com a beleza gerou a competição e essa disputa está presente em todos os setores da vida.

Há competição no trabalho, (quem é mais competente e tem as melhores ideias, quem é mais popular entre os colegas etc.). Há disputa no salão de beleza (quem tem as unhas, os cabelos mais bonitos). Esta competitividade acontece também por medo de perder a atenção e o amor dos demais, por isso, a busca pelo reconhecimento e a aprovação do outro.

---

<sup>2</sup> O termo “Matriarcado” foi institucionalizado depois de ser publicado no estudo de J. J. Bachofen, *Das Mutterrecht*, de 1861, em que o autor assinalava a posição predominante que a mulher tinha na sociedade antiga. REED, Evelyn. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

A ideia de que não haja nenhum tipo de hierarquia entre os gêneros e que se impeça qualquer tipo de opressão é entendida como feminismo. Em seu significado mais amplo, Teles (1999) escreve:

O feminismo é uma filosofia Universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto a nível das estruturas como das superestruturas (ideologia, cultura e política). Assume formas diversas, conforme as classes e camadas sociais, nos diferentes grupos étnicos e culturais. (p.10)

Para pensar o movimento feminista, é preciso referir-se às ações de mulheres dispostas a combater a discriminação e a subalternidade das mulheres. Segundo Teles (1999), há poucos registros e informações sobre as mulheres, pois, muitos afirmam ser um movimento novo no Brasil. No entanto, suas raízes podem ser localizadas em lutas anteriores, por grupos de mulheres de origem popular como: negras quilombolas, trabalhadoras e aquelas que participaram de acontecimentos políticos.

Aos poucos os movimentos feministas foram se espalhando pelo mundo. Pode-se afirmar, muito mais por questão didática, que o primeiro se dá no final do século XIX e início do XX, tendo como principais pautas “a busca pelo sufrágio universal<sup>3</sup>; mulheres com possibilidades de voto e a liberdade em relação ao marido para trabalhar.” (ROSA, 2016, p.94)

A conquista pelo voto feminino é reconhecida como o início do movimento feminista no Brasil. Isso ocorre no início do século XX, mais precisamente na década de 1930. É preciso pensar essa conquista também como um marco para fins didáticos, pois como afirma Rosa (2016, p. 90), ela é injusta “porque invisibiliza a história de inúmeras brasileiras, negras e indígenas que foram as últimas na escala da opressão patriarcal e colonial”.

A segunda conquista acontece no período pós-1968, quando a mulher ganha autonomia sobre seu próprio corpo, que culmina com o surgimento da pílula anticoncepcional e com a “revolução sexual”. Nesse momento, a luta da mulher extrapola o direito de escolher sobre o período de gravidez, mas também de uma decisão sobre o próprio corpo, que inclui um desvincular estreito entre prazer sexual, procriação, casamento.

Heloísa Buarque de Holanda (2008, p. 01) em “Descobertas, sonhos e desastres nos anos 60” ressalta, também, sobre outras descobertas da época, ao dizer que “vem as descobertas ícones da década que teriam acelerado uma revolução comportamental, entre elas

---

<sup>3</sup> Na doutrina, o sufrágio está descrito como direito de votar e ser votado. Contudo, e mais além que isso o sufrágio para a democracia deve revelar-se coma vontade do povo, a verdadeira participação da sociedade na vida política e nas decisões tomadas pelo governo, não existindo limitações fundadas em discriminações sociais, raciais, intelectuais, de sexo, cor e/ou idade.

a chegada à Lua, a pílula anticoncepcional, Mary Quant e sua minissaia, ou o imbatível tema dos defeitos da já histórica liberação sexual”.

É importante lembrar que nesse período, as pessoas viviam a Ditadura Militar, época nada favorável à liberdade de expressão, especialmente se fosse à expressão feminina. No entanto, as mulheres mesmo sob jugo patriarcal lutavam pelos seus direitos.

Segundo Braz (2012), as mulheres do século XXI ocupam cada vez mais espaços antes a elas negados, assim, passaram a adquirir uma maior importância e valor na sociedade. O processo de inserção das mulheres, em grande escala, no mercado de trabalho renumerado trouxe consigo mudanças significativas na família, a partir disso, a mulher participa de forma decisiva no orçamento doméstico, o que significa uma conquista da independência financeira.

De acordo com Del Priore (2004) as relações homem-mulher deveriam ser, portanto, transformadas em todos os espaços de sociabilidade. Num mundo em que mulheres e homens desfrutassem de condições de igualdade. Assim, as mulheres teriam mais oportunidades não só de trabalho, mas na participação da vida social.

## 2.2 Algumas notas do modelo patriarcal

Mesmo com todas as conquistas femininas no século XX, o caminho para a igualdade de gênero ainda é muito extenso e, nesse aspecto, a sociedade patriarcal se perpetua, sobretudo, por ela ter o controle e os meios de manutenção do poder. A sociologia define *poder* como a “habilidade de impor uma vontade sobre os outros, mesmo que enfrente resistência. É algo que vem de uma esfera superior e penetra numa camada inferior”. (BRÍGIDO, 2013, p.58) Por outro lado, Foucault (2007, p. 183) trata o tema *poder* por uma abordagem ampla, ao pensar que:

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que possuem e o detém exclusivamente e aqueles que não os possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão.

Dessa forma, compreende-se que o *poder* acontece como uma relação de forças. Assim, ele está em todas as partes e todas as pessoas estão envolvidas. Para o teórico não existe *poder*, mas sim relações de *poder*. Este não está situado em lugar específico, porém,

está agindo em toda a sociedade, algo que não é material, mas materializa-se nas relações sociais.

Não se pode mencionar *poder* sem se falar de patriarcalismo. De acordo com Fernandes<sup>4</sup>, “o modelo patriarcal caracteriza-se por ter como figura central o patriarca, ou seja, o pai, que é simultaneamente chefe do clã (...) e administrador de toda a extensão econômica e de toda influência social que a família exerce.”

No Brasil, o patriarcalismo teve grande influência da colonização portuguesa. Durante o período colonial, onde as relações sociais e econômicas se davam no meio rural, os homens eram considerados os agentes mais importantes da alta sociedade, tendo a posse das terras, da produção agrícola, dos escravos e do destino de sua família.

Desse modo, o patriarcalismo é o poder dos homens dentro de uma sociedade. Ele não prevê espaços para ninguém, que seja não branco ou um não homem, assim, colocam essas pessoas em lugar secundário. Com isso, o patriarcalismo pode ser considerado uma ideologia, visto que, está presente no cotidiano, assim, esse modo relacional vai se adequando de acordo com cada sociedade, absorvendo suas características e peculiaridades.

A estrutura de poder permite que o homem seja favorecido; privilegiado e com dinheiro ele pode ser mais privilegiado ainda. Assim, criou-se mecanismos de exclusão e isso permanece porque as pessoas pensam que é natural ver uma mulher na cozinha ou cuidando do filho. Nesse sentido, essa é a imagem que foi construída, por isso, é tida como um elemento natural.

Dentro desse pensamento nunca foi interessante permitir para mais grupos chegarem ao poder, por exemplo, a eleição de mulheres a cargos políticos. No caso de Angela Merkel ou, mesmo, a própria Dilma Rousseff, sendo as primeiras mulheres a ocuparem o cargo mais alto de suas Repúblicas. São grandes conquistas efetivamente, mas estão na ordem da exceção, pois a estrutura foi pensada para que os homens estejam permanentemente no poder, como observado a massiva presença masculina nos ministérios de ambos os países e, até mesmo, no golpe encabeçado, principalmente, por lideranças do sexo masculino no Brasil, evidenciando acentuadas notas de um discurso silencioso de opressão ao gênero feminino.

A dominação masculina está incrustada nos modos de pensar, falar e comportar das pessoas. Bourdieu (2012) utiliza dentro de seu campo sociológico o termo “dominação masculina”:

---

<sup>4</sup>FERNANDES, Cláudio. "Família patriarcal no Brasil"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilescola.uol.com.br/historiab/familia-patriarcal-no-brasil.htm>>. Acesso em 19 de dezembro de 2018.

(...) sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2012, p.7)

Assim, percebe-se que a dominação masculina se dá, nessa descrição, por meio de uma violência simbólica. Esta seria uma violência mais suave do ponto de vista das percepções, porque ela é imperceptível aos olhos nus, não sendo possível vê-la e para muitos, nem senti-la. Desse modo, a violência simbólica é tomada como algo certo e natural.

Diante desse contexto, pode-se entender como Bentinho e Paulo Honório foram desenhados como uma representação do modelo patriarcal de suas épocas. É importante considerar que tais obras são narradas em primeira pessoa. Sendo assim, Bento Santiago e Paulo Honório, narradores/personagens, podem contar suas histórias, conforme seus próprios interesses, costumes, crenças e perspectivas, podendo não ser, necessariamente, verdadeiras, o que tais narradores conseguem é produzir histórias verossímeis. Narrativas que solicitam adesão do leitor para a causa do narrador.

### **2.2.1 Como Bentinho e Paulo Honório são representantes do modelo patriarcal**

Pode-se perceber no romance de Machado de Assis, logo no primeiro capítulo, o protagonista assumindo a alcunha de Dom Casmurro, com a qual justifica o título da obra. Nesse início de romance já se conhece o narrador-protagonista como sendo aquele que irá atribuir os sentidos para as coisas, aquele que tem a voz privilegiada da narrativa, tanto que já determina ao leitor aquilo que deve compreender por “Dom Casmurro”, dispensando, por exemplo, o uso do dicionário. É possível pensar que a condução da narrativa já indica um narrador que procura assegurar seu leitor, produzir “deslocamentos de sentidos”. Não há necessidade consultar os dicionários, como detentor dos sentidos, Bentinho nos diz o que compreender. Bentinho “agrada” o leitor, tirando-lhe o trabalho de procurar o significado, ele consegue fazer com que o leitor, a partir daí, deposite confiança nele.

Não consulte dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que lhes dão, mas no sentido que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. (ASSIS, 2015, p. 10)

O fato de Bentinho ter a prevaência de fala em toda a obra e ainda de fazer juízo de valor sobre as pessoas de quem fala evidencia o seu poder enquanto narrador-personagem. No caso de José Dias, por exemplo, foi um dos primeiros personagens a ser apresentado na obra,

que segundo o narrador, era como um agregado da família, mesmo não sendo um parente consanguíneo, existia uma aproximação afetiva entre eles. Há um claro posicionamento de Bentinho frente a José Dias:

Era nosso agregado desde muitos anos; meu pai ainda estava na antiga fazenda de Itaguaí, e eu acabava de nascer. Um dia apareceu ali vendendo-se por médico homeopata; levava um manual e uma botica. Havia então um andaço de febres; José Dias curou o feitor e uma escrava, e não quis receber nenhuma renumeração. Então meu pai propôs-lhe ficar ali vivendo, com pequeno ordenado. (...) Com o tempo, adquiriu certa autoridade na família, certa audiência, ao menos; não abusava, e sabia opinar obedecendo. (ASSIS, 2015, p.16-17)

Dona Glória, mãe de Bentinho era viúva, mas de acordo com a sociedade, uma mulher não seria capaz de educar e cuidar dos filhos estando sozinha, especialmente se fosse menino, pois esse precisava de referência masculina dentro de casa. Daí entra José Dias para exercer o papel do homem experiente e mais velho. Nesse sentido, ele tem certa influência nas ações da família, tanto que convence a mãe de Bento a deixá-lo no seminário apenas por um ano.

Por outro lado, deve se registrar que Bento como um homem de posse, sobrepunha-se a José Dias, que, de certa forma, devia-lhe obediência. Aliás, não gratuitamente, ao caracterizar José Dias, anuncia-o como agregado, como sendo aquele que vive de um pequeno ordenado e pela “misericórdia” do “senhor”: “a casa é minha, ele é um simples agregado. Jeitoso é, pode muito bem trabalhar por mim, e desfazer o plano de mamãe”. (ASSIS, 2015, p.42). Dona Glória queria que Bentinho fosse padre, mas ele hesitava, por isso, pediu ajuda a José Dias:

Vejo que o senhor não quer senão o meu benefício, disse eu depois de alguns instantes. – Pois que outra coisa, Bentinho? – Neste caso, peça-lhe um favor. – Um favor? Mande, ordene, que é? – Mamãe... (...) – Mamãe o que? O que tem sua mamãe? – Mamãe quer que eu seja padre, mas eu não posso ser padre, disse finalmente. José Dias endireitou-se pasmado. – Não posso - continuei eu, não mesmo pasmado que ele, - não tenho jeito, não gosto da vida de padre. Estou por tudo o que ela quiser; mamãe sabe que eu faço tudo o que ela manda (...). Todo esse discurso não me saiu assim, de vez (...), mas aos pedaços (...). Não hei de dissuadir sua mãe de um projeto que é, além de promessa, a ambição e o sonho de longos anos. Quando pudesse, é tarde. (...) – Pois ainda é tempo. (...) Estou pronto para tudo; se ela quiser que eu estude leis, vou para São Paulo (...) irei falar a sua mãe (...). As leis são belas (...) pode ir a São Paulo ou ainda mais longe (...) Melhor é ir logo para alguma universidade, e ao mesmo tempo que estuda, viaja. Podemos ir juntos. (ASSIS, 2015, p. 49-52)

Bento Santiago, se aproveita da posição de “quase patrão” para convencer José Dias, que por sua vez, cede conscientemente, já que tinha, também, interesse em viajar para a Europa. É importante ressaltar que Bentinho tem uma visão de Capitu a partir do que o agregado diz sobre ela “Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu...Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada”. (ASSIS, 2015, p. 48)

Ao conseguir burlar a programação da mãe – fazer o filho padre, Bentinho e Capitulina articulam, ainda na infância, uma outra possibilidade: “Dizem que não estamos em idade de casar, que somos crianças, criancolas (...). Bem, mas dois ou três anos passam depressa (...) jura de que há de se casar só comigo? (...) Ainda que você case com outra, cumprirei o meu juramento, não casando nunca”. (ASSIS, 2015, p.88) Essa programação acaba por se realizar, inclusive com a expectativa de uma união feliz e duradoura:

Pois sejamos felizes de uma vez, antes que o leitor peque em si, morto de esperar, e vá espairecer a outra parte; casemo-nos. (...) São Pedro que tem as chaves do céu, abriu-nos a porta dele, fez-nos entrar (...) recitou alguns versículos: “As mulheres sejam sujeitas a seus maridos... Não seja o adorno delas o enfeite dos cabelos riçados ou as rendas de ouro, mas o homem que está escondido no coração... Do mesmo modo, vós, maridos coabitai com elas, tratando-as com honra, como vasos mais fracos, e herdeiras convosco da graça da vida. (ASSIS, 2015, p.164)

Observa que os versículos do *Eclesiastes* (5:21-33) citados por Bentinho, tão comuns em casamento, conduz uma possibilidade de leitura que mostra qual seria a posição de Capitu na família, bem como, por extensão, o lugar que a mulher ocupa na sociedade após o casamento. No texto bíblico, a mulher é colocada como vasos fracos que precisam da proteção do homem. O discurso religioso, incorporado por Bentinho, produz um efeito de sentido de submissão a que Capitu deve aceitar. E, por outro lado, há a referência ao casamento como o próprio céu na terra. São Pedro, representante primeiro da Igreja, dá ao jovem casal o céu terreno, no qual se sobrepõe a dominação masculina como regra primeira.

Em um direcionamento possível da leitura que se faz aqui, é cabível dizer que o modo como Bentinho constrói o casamento, pelas imagens bíblicas, acaba por “obrigar” Capitu reconhecer, que deve portar exatamente como submissa, fiel e devota ao marido. Com argumentos de autoridade religiosa, Bento se isenta da reponsabilidade de manipulador e machista, uma vez que está apenas repetindo as *Escrituras Sagradas*. Uma espécie de deslocamento do poder, algo próximo a vontade de Deus. Em outras palavras: o casamento feito por um padre (representante de São Pedro e, por extensão, de Deus) lhe confere, pelas palavras sagradas, o direito sobre a esposa.

No romance de Graciliano Ramos, o casamento de Madalena e Paulo Honório trata-se de uma negociação. Assim, após a posse da fazenda São Bernardo, ele decide se casar para ter um herdeiro: “o que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo”. (RAMOS, 2018, p.67). Paulo Honório é uma pessoa individualista, ambiciosa, buscando poder e, para isso, usa as pessoas. Por outro lado, Madalena é uma professora com espírito humanista, não aceitando as atrocidades cometidas pelo marido. Isso se reflete, por exemplo,

na sua discordância em relação ao salário e da brutalidade com que Paulo Honório trata os funcionários. Tais gestos da mulher irritavam o marido, que não entendia a falta de companheirismo da esposa.

A mentalidade patriarcal de Paulo Honório é voltada para o convencimento de que a cultura do proprietário deva andar de mãos dadas com a brutalidade, a violência e a total ausência de respeito pelo próximo. Além disso, nota-se que para ele os espaços exteriores da fazenda não podem sofrer interferência feminina: “Mulheres, criaturas sensíveis, não devem meter-se em negócios de homens” (RAMOS, p.166). Cabendo à mulher apenas a área privada da casa, ambiente doméstico, o que sugere um machismo naturalizado naquele ambiente.

Contrariando as ideias do marido, como também dispondo de argumentos para contestá-lo, essas ações e opiniões de Madalena acabam “desarmando” Paulo Honório. Este – inseguro percebendo ser menos letrado que ela – se apega aos fantasmas de um adultério que pode, de fato, não ter existido.

Paulo Honório nunca conheceu seus pais, como se vê quando ele pronuncia: “Possuo a certidão, que menciona padrinhos, mas não menciona pai nem mãe. Provavelmente, eles tinham motivos para não desejarem ser conhecidos” (RAMOS, 2015, p.15). Assim, não apenas o fazendeiro, mas a órfã Madalena, também, não faz alusões a seus pais.

Sem pai e mãe biológicos como referenciais, Paulo Honório representa a si mesmo simultaneamente a figura paterna e patriarcal, ao se julgar fundador de uma família, enquanto a imagem materna se reproduz em Margarida, a mãe adotiva. Num de seus momentos mais raros de “humanidade”, o fazendeiro não mede esforços para trazer de volta sua mãe adotiva e oferecer conforto e moradia na sua própria fazenda: “A velha Margarida mora aqui em São Bernardo, numa casinha limpa, e ninguém a incomoda. Custa-me dez mil-réis por semana, quantia suficiente para compensar o bocado que me deu”. (RAMOS, 2015, p.16)

Em relação ao filho do casal, o menino que se quer tem um nome, não é reconhecido pelo pai, acreditando que a pequena criatura seja fruto de traição. O sentimento de amor pelo filho não existe, como mostra no fragmento a seguir: “É certo que havia o pequeno, mas eu não gostava dele. Tão franzino, tão amarelo! Se melhorar, entrego-lhe a serraria. Se crescer assim bambo, meto-o no estudo para doutor.” (RAMOS, 2015, p.206). Essas afirmativas demonstram também o caráter impositivo da época e do local que as personagens estão inseridas, dotados de uma cultura mediada pelo machismo e por uma realidade que não tem pretensões de ser “democrática”.

### 3. Parte II - Uma análise comparativa: os ciúmes de Bentinho e Paulo Honório

Antes de dar prosseguimento à análise, cabe discutir o conceito de literatura comparada, assim, conceituar literatura comparada é uma das tarefas mais difíceis, pois com o passar dos anos o conceito evoluiu, acompanhando os rumos do processo histórico. No entanto, compreender o que ela abrange é fundamental para reconhecer o campo que a compõe. Nesse sentido, Nitrini (1997) diz que, não se pode conceber literatura comparada como um conceito estanque, pois, é preciso levar em consideração o contexto histórico, tempo e espaço em que ela se situa. Ainda nessa perspectiva, a autora acredita que:

As origens da literatura comparada se confundem com as da própria literatura. Sua pré-história remonta às literaturas grega e romana. Bastou existirem duas literaturas para se começar a compará-las, com o intuito de se apreciar seus respectivos méritos, embora se estivesse ainda longe de um projeto de comparatismo elaborado, que fugisse a uma mera inclinação empírica. Tal tendência perdurou e foi-se aperfeiçoando até o século XIX, sem dúvida, o marco temporal de sua instituição como uma atitude intelectual mais cultivada e, também, como uma disciplina acadêmica no contexto europeu. Ao que tudo indica, a expressão “literatura comparada” derivou de um processo metodológico aplicável às ciências, no qual comparar ou contrastar servia como um meio para confirmar uma hipótese. (NITRINI, 1997, p.19-20)

Sandra Nitrini (1997) interpreta o pensamento do francês Paul Van Tieghem sobre o objeto e o método da literatura comparada. Segundo ela, para um estudo, é preciso considerar três elementos que aparecem na passagem de influências pelas fronteiras linguísticas, “o emissor, ponto de partida da passagem, pode ser um escritor, uma obra, uma ideia; o receptor, ponto de chegada; e o transmissor, um elemento intermediário entre emissor e o receptor”. (NITRINI, 1997, p.32)

Segundo Coutinho (2003), a literatura comparada traz como característica fundamental, desde o seu surgimento como disciplina acadêmica, a noção de transversalidade, seja com relação às fronteiras entre as nações ou idiomas, seja no que diz respeito aos limites entre as áreas do conhecimento.

Assim, pode-se concluir que a literatura comparada, perpassa por todos os elementos que fazem parte do nosso cotidiano e outros processos artísticos. Essa transversalidade envolve outras disciplinas, no entanto, ela não abrange somente a literatura de dois países com o mesmo idioma, pois, a literatura comparada vai além disso. Nesse aspecto, ela não está presa à questão da língua e da territorialidade.

A literatura comparada é o estudo da literatura que utiliza o método comparativo e, para a análise das obras literárias *Dom Casmurro*, romance realista de Machado de Assis, e

*São Bernardo*, romance de Graciliano Ramos da segunda fase do Modernismo no Brasil, conhecida também como romance de 30, utilizou-se este método de pesquisa.

Em *Dom Casmurro* e *São Bernardo* encontramos dois personagens que narram suas histórias e que se assemelham por decidirem escrever um livro e o que os distingue são os motivos pelos quais decidem dedicar-se à escrita.

Bentinho a partir de suas memórias tenta evocar o passado para a realização de um livro “(...) esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. (...) “vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo. “Deste modo, viverei o que vivi”. (ASSIS, 2015, p.12-13). Paulo Honório decide escrever um livro sobre rudimentos de agricultura e pecuária, com a ajuda de outras pessoas. Porém, como ele mesmo afirma: “a ideia gorou”, mas o pio de uma coruja o fez lembrar-se de Madalena e, isso o impulsiona a escrever de repente: “Um dia destes ouvi novo pio de coruja e iniciei a composição de repente, valendo-me dos meus próprios recursos”. (...) Tenciono contar a minha história. (RAMOS, 2018, p.11)

O foco desta análise é a temática do ciúme, que está centrado nas personagens principais das obras, qual sejam Bentinho em *Dom Casmurro* e Paulo Honório em *São Bernardo*, procurando demonstrar o que há em comum com essas personagens em relação aos seus respectivos casamentos.

Segundo o significado oferecido no minidicionário *Houaiss* da Língua Portuguesa (2010), entende-se por ciúme: “1. Sentimento causado pelo receio de perder o afeto de alguém para outrem; 2. Medo de perder alguma coisa”. Assim, compreende-se o ciúme como um medo, de algum dia sermos dispensáveis a pessoa quem a qual nos relacionamos, ou seja, medo do abandono e da rejeição.

Pode-se perceber também, o ciúme como uma inquietação mental, causada por suspeita ou receio de rivalidade nos relacionamentos humanos. É uma espécie de distorção, um exagero ou desequilíbrio do sentimento. Dessa forma, o Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-V), define o ciúme como um transtorno delirante e, “aplica-se quando o tema central do delírio do indivíduo é o de que o cônjuge ou parceiro é infiel”. (DSM-V, 2014, p.90)

O ciúme doentio, por exemplo, é fácil de ser detectado, de certa forma, está relacionado na falta de confiança no outro ou simplesmente essa confiança não foi estabelecida ainda. O ser inseguro transfere para o outro a causa dessa insegurança dizendo-se vítima quando apenas, é escravo de ideias fantasiosas e ilusões, criadas em sua mente.

William Shakespeare (2014) apresenta em sua obra *A tragédia de Otelo, o mouro de Veneza*, uma análise intensa desse grande sentimento. Na peça, Mouro é envenenado pela desconfiança, vinda do seu alferes Iago. De acordo com Shakespeare, os ciumentos não precisam de causa para sentir ciúmes, como mostra a seguir: “Mas as almas ciumentas não pensam dessa forma. Elas nunca são ciumentas por um motivo específico, apenas são ciumentas. É como um monstro que apenas cresce, gerado em sim mesmo.” (SHAKESPEARE, 2014, p.119)

O ciúme de Bentinho e Paulo Honório é apresentado a partir dos capítulos CVII em *Dom Casmurro* e XXIV em *São Bernardo*. Desse modo, antes de Bentinho se casar com Capitu, ele já apresentava ciúmes dela. José Dias ao visitá-lo no seminário, conta que a menina andava alegre, como sempre. E isso, o fez sentir ciúmes, pois segundo ele: “se ela vivia alegre é que já namorava outro”. (ASSIS, 2015, p.111)

Bentinho, ciumava até do mar, pois Capitu fixava os olhos para lá e não prestava atenção nos assuntos que ele dizia. Porém, como ele mesmo ressalta: “Os meus ciúmes eram intensos, mas curtos; com pouco derrubaria tudo, mas com o mesmo pouco ou menos reconstruiria o céu, a terra e as estrelas” (ASSIS, 2015, p.172).

Numa conversa sobre o comportamento de Ezequiel, filho do casal, sobre as travessuras e imitações que ele fazia, Capitu disse ao esposo: “já lhe achei até um jeito dos pés de Escobar e dos olhos...” (ASSIS, 2015, p.180). Assim, as palavras de Capitu fizeram Bentinho observar melhor os traços do menino.

É importante ressaltar que Ezequiel recebe o mesmo nome de batismo que Escobar. Segundo Bentinho foi uma forma de suprir a falta de compadrio, como mostra a seguir: “Era minha ideia que Escobar fosse padrinho do pequeno” (...). Mas, tio Cosme, ao ver a criança, disse-lhe: “Anda, toma a benção do teu padrinho, velhaco” (p. 175). Assim, não houve outro jeito senão tio Cosme batizar o garoto.

Com o passar do tempo, Bentinho mais uma vez, assume sentir ciúmes da esposa:

Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança. É certo que Capitu gostava de ser vista, e o meio mais próprio a tal fim (disse-me uma senhora, um dia) é ver também, e não há ver sem mostrar que se vê. (...) Naquele tempo, por mais mulheres bonitas que achasse, nenhuma receberia a mínima parte do amor que tinha a Capitu. (...) Capitu era tudo e mais que tudo; não vivia nem trabalhava que não fosse pensando nela. (ASSIS, 2015, p.181).

Com a fatídica morte de Escobar, narrada no trecho: “Escobar meteu-se a nadar, como usava fazer, arriscou-se um pouco mais fora que de costume, apesar do mar bravio, foi enrolado e morreu”. (ASSIS, 2015, p.193). Assim, chegada a hora da encomendação do corpo

e da partida do defunto para o enterro, Bentinho percebeu a forma como Capitu se despedia. Desse modo, ele descreve a cena:

(...) Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas pouco caladas... (...) Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos; como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã. (ASSIS, 2015, p.194)

Em *São Bernardo*, Paulo Honório questiona Padilha por estar apanhando flores, enquanto este, todo atordoado responde: “Foi a d. Madalena que mandou tirar umas rosas” (RAMOS, 2018, p.147). Assim, o fazendeiro percebe que sua esposa anda conversando com seu empregado e não aceita que ela dê ordens a seu funcionário.

Luís Padilha, justificando-se por ter conversado com Madalena, diz ao patrão: “quanto às conversas, seu Paulo compreende. Uma senhora instruída meter-se nestas bibocas! Precisa uma pessoa com quem possa entreter de vez em quando palestras amenas e variadas”. (RAMOS, 2018, p.148). Paulo Honório não deu mais importância às explicações do empregado, porém a expressão “palestras amenas” o fez refletir em seguida:

Mais tarde, no escritório, uma ideia indeterminada saltou-me na cabeça, esteve por lá um instante quebrando louça e deu o fora. Quando tentei agarrá-la, ia longe. Interrompi a leitura da carta que tinha diante de mim e, sem saber por que, olhei Madalena desconfiado. (...) Nisto a ideia voltou. Movia-se, porém, com tanta rapidez que não me foi possível distingui-la. Estremeci, e pareceu-me que a cara de Madalena estava mudada. (RAMOS, 2018, p.148)

Paulo Honório, não consegue identificar a ideia indeterminada que lhe vem à cabeça, porém, a desconfiança cai sobre Madalena. Algumas discussões entre o casal já haviam, ocorrendo por conta da brutalidade do fazendeiro com seus funcionários. Mas, o ciúme de fato não aparecia até uma cena vista por ele, despertando-lhe um sentimento que nunca sentiu antes. Dessa forma, a cena é descrita:

Procurei Madalena e avistei-a derretendo-se e sorrindo para o Nogueira, num vão de janela. Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa benfeita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobranceiras espessas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena – e comecei a sentir ciúmes. (RAMOS, 2018, p.155)

Avistando Madalena conversando com Nogueira, Paulo Honório começa a sentir ciúmes e ao comparar as características de Nogueira com as suas, sente-se inferiorizado. Ele com o seu olhar ciumento vê sua esposa se oferecendo para outro. Enquanto Bentinho vê no olhar de Capitu para o defunto Escobar, um sentimento diferente, uma paixão, nisso as duas caracterizações do ciúme se aproximam em ambas as narrativas.

Capitu, novamente chama a atenção de Bentinho para os olhos do menino: “- Você já reparou que Ezequiel tem nos olhos uma expressão esquisita? – perguntou-me Capitu. – Só vi duas pessoas assim, um amigo de papai e o defunto Escobar”. O narrador se aproxima do filho e assim relata: “(...) achei que Capitu tinha razão; eram os olhos de Escobar” (ASSIS, 2015, p.202), o que o conduziu a constatação do veredito.

Ao notar tais semelhanças, Bentinho vê em Ezequiel o retrato de Escobar. Para ele, isto começa a ser torturante e desesperador: “Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a benção de costume”. (ASSIS, 2015, p. 203)

No romance de Machado de Assis, segundo Bentinho Capitu se parecia muito com o retrato de uma moça “(...) as feições eram semelhantes, a testa principalmente e os olhos. Quanto ao gênio, era um; pareciam irmãs.” (ASSIS, 2015, p. 139). Gurgel, pai de Sancha diz ser o retrato da mulher dele quando era jovem, e as pessoas que a conheceram diziam a mesma coisa. Assim, percebe-se que parecer com alguém não quer dizer necessariamente, que as pessoas devem ter algum grau de parentesco.

Ezequiel, cheio de amor pelo pai não entendia o porquê da aversão. Capitu propôs que o filho fosse para uma escola, onde só viesse para casa aos finais de semana, demorou muito para o menino aceitar a situação. E era nos dias de sua volta que Bentinho fugia, ver o garoto era como comprovar e reforçar a traição.

Quanto mais o tempo passava, mais semelhanças surgiam, até a voz de Ezequiel parecia a mesma do finado Escobar. Bentinho, antes um pai amável e um esposo apaixonado, agora dominado pelo ciúme, pensa em vingar-se da esposa e do filho matando-os de forma cruel:

(...) quando nem mãe nem filho estavam comigo o meu desespero era grande, e eu jurava matá-los a ambos ora de golpe, ora devagar, para dividir pelo tempo da morte todos os minutos da vida embaçada e agoniada (ASSIS, 2015, p. 203).

Paulo Honório no início desconfia apenas de Padilha, depois passa a incluir o Nogueira, o Dr. Magalhães, os caboclos da fazenda até o padre, como amantes de Madalena. Assim, da mesma forma que Bento, ele também pensa em vingança: “O meu primeiro desejo foi de agarrar o Padilha pelas orelhas e deitá-lo fora a pontapés, mas conservei-o para vingar-me.” (RAMOS, 2018, p.157)

Segundo Bentinho, o menino era fruto da relação adúltera entre Capitu e Escobar “as feições do pequeno davam ideia clara das do outro, ou eu ia me atentando mais nelas.” (ASSIS, 2015, p.213). Paulo Honório por não ter uma prova suficiente para que lhe desse

certeza de que foi traído por Madalena, baseia-se nas conversas da esposa com o Padilha ou com Nogueira.

O ciúme do protagonista era crescente, em São Bernardo, tem-se a certeza de que Paulo Honório se deixou levar por esse sentimento absurdo que o faz duvidar de Madalena, pois, sabe-se que Madalena, sempre foi uma mulher de postura exemplar, assim, toda a desconfiança mora apenas na cabeça de Paulo.

Bento, atordoado e com a mente escurecida de ódio resolve se suicidar, como ele mesmo conta:

Sei que escrevi algumas cartas, comprei uma substância, que não digo, para não espetar o desejo de prová-la (...) Quando me achei com a morte no bolso senti tamanha alegria, como se acabasse de tirar a sorte grande, ou ainda maior, porque o prêmio da loteria gasta-se, e a morte não se gasta. (ASSIS, 2015, p. 206).

Machado de Assis foi um grande leitor de Shakespeare, especialmente de Otelo, bem como de outras peças do autor inglês, que direta ou indiretamente estão mencionadas em suas obras. Como mostra a seguir:

O fato é que muitos escritores brasileiros apropriam Otelo em gêneros e configurações diferentes, basta lembrar de duas obras clássicas da literatura brasileira: o drama Leonor de Mendonça (1846), de Gonçalves Dias, e o romance Dom Casmurro (1899) de Machado de Assis. Ambas emprestam de Otelo os temas do ciúmes e da traição, oferecendo, com Leonor e Capitu, versões ambíguas para a Desdêmona de Shakespeare, na medida em que insinuam que elas realmente possam ter traído seus maridos, dúvida essa que Shakespeare faz questão de eliminar em Desdêmona, a fim de atingir o devido “processo trágico” em Otelo. (SHAKESPEARE, 2014, p.12)

Certa noite, Bentinho foi ao teatro e por coincidência, apresentava-se “A tragédia de Otelo, o mouro de Veneza”, peça a qual ele nunca tinha visto e nem lido, sabia apenas o assunto. Assim, em meio as reflexões, ele afirma que Capitu é culpada, diferente de Desdêmona: “O último ato mostrou-me que não eu, mas Capitu devia morrer”. (ASSIS, 2015, p.207)

Percebe-se que Bentinho já havia traçado um paralelo entre a sua história e a de Otelo. Ele fala da coincidência de ter ido assistir a trágica peça de Shakespeare, assim, pode -se concluir que ele reconhece que a história se aproxima da dele.

Ele que tinha ido convicto em se matar depois da peça, sai com a decisão de que ele deveria matar a Capitu. Bentinho se perguntava o porquê do público, aplaudindo Otelo matando Desdêmona, sendo que ela era inocente e imagina o que faria o público caso ela fosse tão culpada como Capitu.

No entanto, Bentinho interpreta a reação das pessoas como se elas estivessem aplaudindo o ato de Otelo matar a sua esposa, mas ele não consegue entender que os aplausos são para a encenação, para os atores ou o texto. Com isso, compreende-se que o narrador/personagem tem uma visão distorcida, ou seja, uma interpretação errada do público ou até mesmo de Capitu durante a narrativa.

Disso pode-se inferir que alguns capítulos da obra machadiana fazem referência a obra de Shakespeare. O título do capítulo CXXXV recebe o nome “Otelo”, referindo-se a peça teatral como mostra acima.

Machado, deu ao capítulo LXII o título “Uma ponta de Iago”, pelo ciúme sofrido por Bentinho em razão do comentário mordaz de José Dias sobre Capitu: “(...) enquanto não pegar um peralta da vizinhança, que case com ela...”

Já no capítulo LXXII, há uma frase: “Ela amou o que me afligiria. Eu amei a piedade dela.” (ASSIS, 2015, p.126). Esta seria uma tradução machadiana da fala de Otelo: “Ela me amava pelos perigos pelos quais eu havia passado e eu a amava porque ela sentia uma pena verdadeira de mim.” (SHAKESPEARE, 2014, p.39-40)

Na fazenda São Bernardo, a convivência era conflituosa e tumultuosa. Paulo Honório humilhava sua esposa e dizia que se soubesse que Madalena o traía, “matava-a, abria-lhe a veia do pescoço, devagar, para o sangue correr um dia inteiro.” (RAMOS, 2018, p.176)

O fazendeiro, atormentado pela ideia de pegar sua esposa com outro homem de surpresa, faz com que ele comece uma busca incessante de uma prova que lhe desse certeza de que foi traído. Paulo Honório, assim relata:

Atormentava-me a ideia de surpreendê-la. Comecei a mexer-lhe nas malas, nos livros e abrir-lhe a correspondência. Madalena chorou, gritou, teve um ataque de nervos. (...) minha vida se tornou um inferno. À noite não consegui dormir. Passei horas sentado, odiando Madalena, que se enroscava num canto da cama, as pernas encolhidas apertando o estômago. (RAMOS, 2018, p.164)

Para Paulo Honório, tudo o que acontecia ao redor da fazenda era um sinal de que estava sendo traído por Madalena:

À noite parecia-me ouvir passos no jardim. (...) Erguia-me, pegava o rifle, soprava a luz, abria a janela: - Quem está aí? (...) É bicho de fôlego ou é marmota? Não responde não? E lá ia no silêncio um tiro que assustava os moradores, fazia Madalena saltar da cama, gritando. (...) - Que foi? Gemia Madalena aterrada. São os seus parceiros que andam rondando a casa. (...) Madalena abraçava-se aos travesseiros, soluçando. Um assobio, longe. Algum sinal convencionado. - É assobio ou, não é? Marcou entrevista aqui no quarto, em cima de mim? É só o que falta. Quer que eu saia? Se quer que eu saia, é dizer. Não se acanhe. Madalena chorava como uma fonte. (RAMOS, 2018, p. 179-180)

Em *São Bernardo*, Paulo Honório foi até a torre da igreja para observar o Marciano, procurando corujas. Enquanto contemplava a paisagem ele viu sua esposa escrevendo. Assim, ele resmungava: “Em que estará pensando aquela burra? Escrevendo. Que estupidez!” (RAMOS, 2018, p. 184). Em seguida, foi em direção ao pomar e de frente para o escritório descobriu no chão uma folha, com certeza trazida pelo vento. Lendo com certa dificuldade o texto e reconhecendo ser a letra de Madalena, o fazendeiro imagina ter encontrado a prova tão esperada.

Lá vinha novamente o ciúme: “Aquilo era trecho de carta, e de carta a homem. Não estava lá o nome do destinatário, faltava o princípio, mas era carta a homem, sem dúvida.” (RAMOS, 2018, p. 185)

Bentinho, retorna à casa para colocar o seu plano em prática, mas antes ele escreve uma carta endereçada a esposa “Cheguei em casa, abri a porta devagarinho, subi pé ante pé, e meti-me no gabinete; iam dar seis horas. Tirei o veneno do bolso, fiquei em mangas de camisa, e escrevi ainda uma carta, a última, dirigida a Capitu.” (ASSIS, 2015, p.207). Estando tudo pronto para o suicídio, Bentinho relata como daria um fim a sua própria vida:

O meu plano foi esperar o café, dissolver nele a droga e ingeri-la (...)O copeiro trouxe o café. Ergui-me, guardei o livro, e fui para a mesa onde ficara a xícara. Já a casa estava em rumores; era tempo de acabar comigo. A mão tremeu-me ao abrir o papel em que trazia a droga embrulhada. Ainda assim tive ânimo de despejar a substância na xícara, e comecei a mexer o café, os olhos vagos, a memória em Desdêmona inocente; o espetáculo da véspera vinha intrrometer-se na realidade da manhã. “Acabemos com isto”, pensei.

Quando ia beber, cogitei se não seria melhor esperar que Capitu e o filho saíssem para a missa; beberia depois; era melhor. Assim disposto, entrei a passear no gabinete. Ouvi a voz de Ezequiel no corredor, vi-o entrar e correr a mim bradando: - Papai, papai! (...) Ezequiel abraçou-me os joelhos, esticou-se na ponta dos pés, como querendo subir e dar-me o beijo do costume; e repetia, puxando-me: - Papai! Papai! (ASSIS, 2015, p.208-209)

Bento Santiago ao ver o filho que carinhosamente o abraça, descarta a possibilidade de suicídio, pois, o seu segundo impulso foi o de matar Ezequiel envenenando-o:

Cheguei a pegar na xícara, mas o pequeno beijava-me a mão, como de costume, e a vista dele, como o gesto, deu-me outro impulso que me custa dizer aqui; mas vá lá, diga-se tudo. Chamem-me embora assassino; não serei eu que o desdiga ou contradiga; o meu segundo impulso foi criminoso.

Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café. – Já papai, vou à missa com mamãe. – Toma outra xícara, meia xícara só. – E papai? – Eu mando vir mais; anda, bebe! Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe à xícara, tão trêmulo que quase a entornarei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo. Mas não sei que senti, que me fez recuar. Pus a xícara em cima da mesa, e dei por mim a beijar doidamente a cabeça do menino. – Papai! Papai! Exclama Ezequiel. – Não, não, eu não sou teu pai! (ASSIS, 2015, p. 209-210)

Capitu, entra no gabinete e sem entender o que estava acontecendo pede para o menino se retirar, em seguida diz a Bentinho que lhe desse uma explicação pelo choro e rumores que ouviu, assim, ele revela a Capitu o motivo dos seus ciúmes dizendo que Ezequiel não é filho dele, mas ela exige que tudo seja esclarecido e se suas explicações não se justificassem, a saída para o caso seria a separação, o que é aceito por Bentinho:

- (...)- Não entendo as tuas lágrimas nem as de Ezequiel. Que houve entre vocês?  
 - Não ouviu o que lhe disse?  
 - O quê? - Perguntou ela como se ouvira mal.  
 - Que não é meu filho.  
 (...) - Não, Bentinho, ou conte o resto, para que eu me defenda, se você acha que tenho defesa, ou peço-lhe desde já a nossa separação: não posso mais!  
 - A separação é coisa decidida – redargui, pegando-lhe na proposta.  
 (...) Não disse tudo; mal pude aludir aos amores de Escobar sem proferir-lhe o nome. Capitu não pôde deixar de rir (...) depois, em um tom juntamente irônico e melancólico:  
 - Pois até os defuntos! Nem os mortos escapam aos seus ciúmes! (ASSIS, 2015, p.210-211)

Em São Bernardo, o encontro do casal para uma conversa decisiva dá-se na igreja. Paulo estava furioso e decidido a acabar depressa com aquelas dúvidas, ao confrontar Madalena na saída da igreja ele diz: “Meia volta, gritei segurando-lhe um braço. Temos negócio.” (RAMOS, 2018, p.186).

Paulo Honório procura Madalena para mostrar a carta, que segundo ele é a prova do adultério. Assim, diz o narrador:

- A senhora escreveu uma carta.  
 - Para quem? Eu preciso saber, compreende? Meti a mão no bolso e apresentei-lhe uma folha já amarrotada e suja. Madalena estendeu-a sobre a mesa, examinou-a, afastou-a para um lado. Madalena apanhou o papel, dobrou-o e entregou-mo:  
 - O resto está no escritório, na minha banca;  
 - Aquém?  
 - Você verá. Está em cima da banca. Não é caso para barulho. Você verá. (RAMOS, 2018, p.187-188-189)

Há uma discussão entre o casal; Madalena pede perdão e diz: “O que estragou tudo foi esse ciúme, Paulo.” (RAMOS, 2018, p.189). Assim, Paulo Honório sabe onde está a prova, porém não vai buscá-la de imediato. Fica a meditar as palavras de Madalena que falava de morte e de perdão.

Em relação a questão temporal foram três anos de casamento e um ano de ciúme crescente, conforme afirma Paulo Honório: “Três anos de casado. Fazia exatamente um ano que tinha começado o diabo do ciúme.” (RAMOS, 2018, p.193)

Paulo, adormeceu na igreja, e ao acordar ele vai se banhar no rio. Enquanto isso, Madalena está em casa, tomando veneno. Quando ele volta é tarde demais, ela já está morta sobre a cama:

(...) no meu quarto dei com algumas pessoas soltando exclamações. Arredei-as e estaquei: Madalena estava estirada na cama, branca, de olhos vidrados, espuma nos cantos da boca. Aproximei-me, tomei-lhe as mãos duras e frias, toquei-lhe o coração, parado. Parado.  
Sobre a banca de Madalena estava o envelope que ela havia falado. Abri-o. Era uma carta extensa em que se despedia de mim. (RAMOS, 2018, p. 194-195)

Assim, percebe-se que um pouco antes de Madalena cometer suicídio ela escreve uma carta suicida, porém Paulo Honório obcecado de ciúme pensa que a carta é destinada a outro homem. E somente depois da morte de sua esposa, descobre que a carta dirigia-se a ele.

Bentinho não vê a morte mais como solução e espera sua esposa voltar da igreja. Capitu ao retornar, diz “Confiei a Deus todas as minhas amarguras. Ouvi dentro de mim que a nossa separação é indispensável, e estou às suas ordens.” (ASSIS, 2018, p.213)

No entanto, a separação se concretiza. Bentinho vai com Capitu e o Ezequiel para a Europa, deixa-os na Suíça e não volta mais a procurá-los. As correspondências que trocava com Capitu eram breves e secas, já as dela não, como ele mesmo mostra na obra: “as dela eram submissas, sem ódio, acaso afetuosas, e para o fim saudosas.” (ASSIS, 2015, p.214). Depois disso, Bentinho fica sabendo do falecimento de Capitu e em seguida da morte do filho que morreu de febre tifoide.

Diante do que foi exposto, nota-se que o ciúme destruiu as famílias apresentadas nas obras, assim, proporcionou perdas irreparáveis na vida dos protagonistas. Após a morte de suas mulheres, Bentinho e Paulo Honório acabam numa grande solidão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho iniciou-se uma discussão sobre a importância do romance para construir o social, o que levou a conclusão de que os romances se baseiam nos questionamentos sociais do mundo em que vivemos. Sendo assim, eles estimulam a criticidade do leitor e, dificilmente, ele se contentará em permanecer na sua zona de conforto. Se pensarmos, por exemplo, em um romance que traz as mazelas sociais, pode-se dizer que ele retira ou, pelo menos, pretende retirar o leitor desse lugar de conforto, apresentando um mundo repleto de desigualdades.

Este estudo buscou oferecer ainda, reflexões acerca do machismo incrustado na sociedade, pois, mesmo com todas as conquistas femininas, o caminho para a igualdade de gênero ainda é muito extenso e, nesse aspecto a sociedade patriarcal se perpetua, sobretudo, por ela ter o controle e os meios de manutenção do poder. Desse modo, o patriarcado é o poder do homem dentro de uma sociedade, com isso ele não prevê espaços para a mulher, o negro, o pobre, os homossexuais, ou seja, a exclusão desses indivíduos enquanto minoria.

Diante desse contexto, pode-se entender como Bentinho e Paulo Honório foram desenhados como uma representação do modelo patriarcal de suas épocas. É importante considerar que tais obras são narradas em primeira pessoa. Sendo assim, Bento Santiago e Paulo Honório, narradores/personagens, podem contar suas histórias, conforme seus próprios interesses, costumes, crenças e perspectivas, podendo não ser, necessariamente, verdadeiras, o que tais narradores conseguem é produzir histórias verossímeis. Narrativas que solicitam adesão do leitor para a causa do narrador.

A partir da análise pode-se entender como eram descritas as personagens nas obras. Assim, Bentinho em *Dom Casmurro*, quando criança/adolescente, sendo mimado pela mãe tornou-se um indivíduo inseguro e dependente. Para Bentinho, Capitu é uma garota inteligente e alegre, mas, muitas vezes foi encarada como uma pessoa manipuladora e infiel. Paulo Honório em *São Bernardo* é uma pessoa individualista, ambiciosa, buscando poder e, para isso, usa as pessoas. Por outro lado, Madalena é uma professora com espírito humanista, não aceitando as atrocidades cometidas pelo marido. Assim, não só Capitu, mas Madalena também é acusada de adultério. Em relação às crianças nas obras, compreende-se que, Ezequiel, e o filho (que não possui um nome na narrativa) de Paulo Honório, não são reconhecidos pelos seus pais, porque acreditam que essas pequenas criaturas são rebentos de adultério.

O ciúme trouxe para as famílias consequências negativas, muitas brigas e aversões. Assim, na maioria dos casos de ciúme doentio, ocorrem tragédias. Madalena e Capitu nas obras, por exemplo, são punidas com a morte.

Ao trabalhar com a literatura comparada concluiu-se que essa modalidade de estudo, perpassa por todos os elementos que fazem parte do nosso cotidiano e outros processos artísticos. Essa transversalidade envolve outras disciplinas, no entanto, ela não abrange somente a literatura de dois países com o mesmo idioma, pois, a literatura comparada vai, além disso.

Vale acrescentar, por fim, que pesquisar em literatura permite-se um aprofundamento na realidade humana. Assim, a literatura ajuda a compreender a vida; a sociedade pertencente a um determinado momento histórico. Por meio dela, é possível examinar o mundo em que vivemos. Nesse sentido, Candido (1995, p.186) diz em defesa da literatura que ela “(...) nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza.”

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Via Leitura, 2015.

ABREU, Márcia. **Diferentes formas de ler**. Instituto de Estudos da linguagem- Unicamp. Campo grande, 2001.

Disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio6.html>>. Acesso em: 24 de julho de 2018.

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1976. 1ª ed. Brasileira.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões da literatura e da estética: a teoria do romance**. São Paulo: UNESP, 1988.

BRASIL. **Declaração Universal dos direitos humanos**. UNESCO: Brasília, 1998. Disponível em < <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139423>> Acesso em 10 de maio de 2019.

BRASIL. **Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher** (Convenção Belém do Pará, 1994).

Disponível em: <[http://www.unfpa.org.br/Arquivos/convencao\\_belem\\_do\\_para.pdf](http://www.unfpa.org.br/Arquivos/convencao_belem_do_para.pdf)>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

BRÍGIDO, Edimar Inocência. **Michel Foucault: uma análise do poder**. Centro Universitário Curitiba- UNICURITIBA, 2013.

Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/direitoeconomico-12702.pdf>>. Acesso em: 5 de junho de 2019.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura. Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARVALHO, Wandercy de. **O Resumo Acadêmico: teoria e prática**. Goiânia, GO: Editora Acadêmica, 2015.

COUTINHO, Eduardo F. **Literatura Comparada na América Latina: ensaios**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.

DEL PRIORI, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

Disponível em: <<https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/del-priore-histc3b3ria-das-mulheres-no-brasil.pdf>> Acesso em: 30 de maio de 2019.

DSM-V. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. (tradução) Maria Inês Corrêa Nascimento. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

Disponível em: <<http://www.tdahmente.com/wp-content/uploads/2018/08/Manual-Diagnostico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5.pdf>> Acesso em: 14 de julho de 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007

FERNANDES, Cláudio. "**Família patriarcal no Brasil**"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/familia-patriarcal-no-brasil.htm>>. Acesso em 19 de dezembro de 2018.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Descobertas, sonhos e desastres nos anos 60**. Praia Vermelha- Estudos de Política e Teoria Social, PPGSS/UFR Rio de Janeiro, 2008.

Disponível em:< <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/descobertas-sonhos-e-desastres-nos-anos-60/>>. Acesso em: 12 de julho de 2018.

HOUAISS. Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

\_\_\_\_\_. **Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha) 07/08/2006**. cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do par. 8º do art. 226 da constituição federal, da convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres e da convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher; dispõe sobre a criação dos juizados de violência doméstica e familiar contra a mulher altera; o código de processo penal, o código penal e a lei de execução penal; e dá outras providências. Disponível em <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>> Acesso em 19 de maio de 2019.

LLOSA, Mario Vargas. **É possível pensar o mundo moderno sem o romance?** (org.) São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MENEZES, Lucianne Michelle de. **Leitura e sociedade: um estudo de O primo Basílio, de Eça de Queirós**. Dissertação de mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-graduação em Letras- Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão- SE, 2010. Disponível em:< [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5785/1/LUCIANNE\\_MICHELLE\\_MENEZES.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5785/1/LUCIANNE_MICHELLE_MENEZES.pdf)>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2019.

MORETTI, Franco. **A cultura do romance**. (org.) São Paulo: Cosac Naify, 2009.

NASCIMENTO, Thauana Barroso. **Sufrágio universal e voto**. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 04 de maio de 2013.

Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=2.43293&seo=1>>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história, teoria e crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

NOMURA, Masa. **Linguagem funcional e literatura: presença do cotidiano no texto literário**. São Paulo: ANNABLUME, 1993.

RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. 100ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

RIBEIRO, Paulo Silvino. "**O papel da mulher na sociedade**"; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-papel-mulher-na-sociedade.htm>>. Acesso em 17 de maio de 2019.

REED, Evelyn. **Sexo contra sexo ou classe contra classe**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFIOTTI, Heleieth. **Já se mete a colher em briga de marido e mulher**. Revista da Fundação Seade: São Paulo, 1999.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid)>. Acesso em: 2 abril de 2019.

SHAKESPEARE, William. **A tragédia de Otelo: o moro de Veneza**. Tradução: Marilise Rezende Bertin. São Paulo: Martin Claret, 2014.

SOARES, M Bárbara. **Enfrentando a violência contra a mulher: orientações práticas para profissionais e voluntários (as)**. CESEC- Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, Brasília, 2005.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.